


RESENHA



Na Prática a Teoria é Outra? – mitos e dilemas na relação entre teoria e prática, instrumentos e técnicas no serviço social

Maria Elizabeth Freire Salvador*

O livro de Claudia Monica é resultado de sua tese de doutorado defendida em 2006 pela UFRJ, sob orientação da profª drª Iolanda Guerra. A reflexão vigorosa por ela desenvolvida preenche uma lacuna na produção teórica do serviço social: refletir sobre instrumentos e técnicas numa perspectiva crítica, examinando uma questão aguda que, na opinião da autora, não foi devidamente tratada e se expressa na indagação que é o eixo central e dá título ao seu trabalho.

Na introdução coloca a importância dessa discussão para o serviço social a partir do processo de renovação da profissão – nomeado pelo professor Jose Paulo Netto como *intenção de ruptura* para a consolidação de uma *prática de ruptura*.

A autora resgata as produções de diferentes autores e argumenta que nelas os instrumentos e técnicas contidos na dimensão técnico-operativa aparecem como *apêndice das outras dimensões*, logo não obtiveram uma reflexão própria e no mesmo patamar das demais, na literatura que aborda a matriz teórica marxista no Serviço Social. Com essa afirmativa, a proposta do seu livro é trazer e polemizar essa questão, tão importante para uma profissão que se traduz na instrumentalidade da ação.

Traz um outro elemento polêmico para o debate acerca da visão dicotômica teoria-prática, decorrente da forma como a concepção do materialismo histórico-dialético foi incorporado para se pensar a relação teoria-prática.

Argumenta que, numa apropriação adequada, o tratamento dos instrumentos não remeteriam a uma discussão de instrumentalismo e do tecnicismo, criticados

* Mestre em Serviço Social pela PUC-RIO, docente da UNISUAM e da PUC-RIO - Elaborado em Maio/2011. Endereço Postal: Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea. CEP: 22451-900 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

pelos setores progressistas da profissão por serem fundados na razão manipulatória, e sim ressaltariam sua contribuição para uma prática competente. Sugere, no seu texto, que as Diretrizes Curriculares abordem as particularidades das técnicas e dos instrumentos conjugadas com o debate filosófico, teórico e ético-político para fornecer elementos ao “como fazer”, habilitando os futuros profissionais no manuseio desse instrumental banhado na perspectiva crítica. O seu livro foi construído em dois capítulos e considerações finais.

O primeiro capítulo – “Na prática a teoria é outra?” –, dividido em três subitens, aprofunda a discussão da interrogação ainda presente, como fruto do entendimento sobre teoria e prática apreendido de forma equivocada na corrente teórica do marxismo, apoiando-se nos elementos fundamentais do materialismo histórico dialético, fazendo uma digressão substantiva *sobre o real e sua apreensão*, a partir do empírico, do imediato, como ponto de partida para o conhecimento. Esse se constrói com o pensamento sobre as contradições, determinações e conexões, para a busca da essência, afirmando que a teoria construída é naturalmente aproximativa e provisória. Realiza uma densa reflexão sobre a práxis como categoria central, a partir de Marx e de autores marxistas como Vasques, Lefebvre e Lukács, reafirmando a centralidade dessa categoria que expõe a indissociável relação teoria-prática quando discute a *finalidade ideal* (teleológica) como âmbito da teoria e *finalidade real* no âmbito da prática e *da unidade entre sujeito e objeto, entendido como sujeito aquele que conhece pensa e age sobre o mundo objetivo que, conhecido e apropriado, é transformado*. Nessa direção, destaca a importância do *fazer profissional(trabalho)* com os seus procedimentos instrumentais, como a instância de passagem teoria-prática, e orientado pelo método dialético *conjugando a tríade categorial universalidade, particularidade e singularidade*. Aponta que o percurso equivocado do universal para o singular move a afirmação presente na profissão de que *na prática a teoria é outra*.

A prática profissional é expressão *da prática social*, atuando, por meio dos agentes, *sobre e na realidade*, no interior de um espaço sócio-ocupacional, sendo atravessada por uma relação contratual que, pela complexidade, impõe permanente leitura das mudanças ocorridas. Esses elementos assinalam a prática do serviço social como *prática política*, pois assume compromissos que a colocam frontalmente contra a ordem imposta pela lógica capitalista, mesmo que, contraditoriamente, faça esse enfrentamento dentro dessa ordem, visando sua ruptura. Essa intenção de ruptura é uma *finalidade*, na qual os meios (como fazer) não estão descolados do entendimento “das relações causais que se interpõem entre a finalidade e o resultado real”. Assim o pensar sobre o *como fazer* implica obrigatoriamente o *porquê* e *para que fazer*, impondo a indissociabilidade das três dimensões que lhe são próprias: ético-política; teórico-metodológica e técnico-operativa.

No segundo capítulo, intitulado “As dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa da prática profissional”, também constituído de três subitens, a autora resgata um trabalho anterior, no qual examinou a questão dos instrumentos e técnicas quando identificou três posições antagônicas presentes na literatura da profissão: a concepção tecnicista, a valorização da dimensão teórico-política, que coloca o ensino teórico habilitado para utilização dos instrumentos e

a da dimensão técnico-operativa com estreita relação com as outras duas dimensões da profissão. Destaca que, nessa, *as diferenças* entre os conhecimentos teóricos, ético-políticos e procedimentais não são devidamente trabalhadas, o que, segundo a autora, *sinaliza para a apreensão inadequada da concepção marxista da relação teoria – prática* numa profissão de caráter interventivo. Assinala que na dimensão técnico-operativa estão os *meios*, explicando-os com todos os recursos concretos ou da área do conhecimento que contribuem para a *passagem da possibilidade à efetividade, contida na finalidade ideal e real*. Discute a relevância do processo teoria-finalidade-meios-prática, que, segundo Lukács, remete a questões como: *valor e conhecimento para escolha de alternativas*. Problematisa a escolha da alternativa a partir de condições que considera indispensáveis: a consciência, a responsabilidade e a liberdade (limites e possibilidades). Enfatiza que a utilização dos instrumentos e técnicas com habilidade e com a sustentação, que lhe é própria, garantirá a competência profissional. Deposita no conhecimento a construção da *finalidade da ação*; não havendo essa, as propostas de ação estarão esvaziadas de finalidade da profissão e constituídas das finalidades da instituição que contrata. Mesmo reconhecendo a instituição como organizadora do trabalho, resgata uma reflexão de Iamamoto para afirmar que isso não deve ser obstáculo, mas uma *particularidade* da ação profissional que precisa ser entendida nas suas contradições. Afirma que a insuficiência dessa leitura, desde a formação, provoca a indagação presente na categoria dos assistentes sociais.

Desloca para a não construção de uma estreita relação entre formação profissional e mercado de trabalho o grande provocador do dilema. O fato de o mercado de trabalho exigir da academia respostas que não são fornecidas no mesmo compasso e dinamismo das necessidades sociais que se apresentam no cotidiano das instituições empregadoras é uma questão a ser enfrentada. Deixa claro que não defende que a formação deve responder *exclusivamente* ao mercado, mas que a queixa dos assistentes sociais, de que o aprendido é distante da realidade do mercado, está numa discussão que não se realiza satisfatoriamente na Universidade – *o limite entre formação profissional e mercado de trabalho*.

Aponta como caminho de superação uma nova relação entre a Universidade e os espaços de trabalho – com maior presença dos profissionais, formadores e informadores, em razão do papel que desempenham como supervisores de campo –, o que ampliaria os canais já existentes. Enfatiza que, sendo o Serviço Social uma profissão de natureza interventiva, a utilização dos instrumentos e técnicas deve ter um lugar privilegiado no debate sobre a ação profissional revestido do referencial crítico-dialético. *A habilidade na utilização de instrumentos como entrevista, reuniões, visitas domiciliares* tem uma singularidade que se refere ao âmbito da ação do serviço social. A questão social nas suas diferentes expressões, nos diferentes espaços, nos diferentes serviços que são buscados, e as respostas às necessidades que são demandadas requerem o entendimento da sua complexidade na relação com os usuários e de que o seu manuseio não está descolado da compreensão da dinâmica social e das finalidades a serem alcançadas, pautadas numa direção teórica e ético-política consignada no Código de ética profissional. Assim sendo, *é preciso pensar o sentido dos instrumentos e suas finalidades relacionadas aos objetos de intervenção*.

R E S E N H A

Nas considerações finais afirma os equívocos ainda presentes, resultantes da *questão pedagógica* e do *distanciamento entre academia e instituições empregadoras*. Defende que a aproximação e a socialização do que se passa nos dois espaços enriqueceria tanto a produção intelectual como as formas de enfrentamento dos problemas no cotidiano do exercício profissional. Sugere uma ação ampla e conjunta entre Universidade, entidades organizativas da categoria e diferentes instituições, na discussão dos instrumentos, numa postura crítica e de construção, pela sua centralidade na intervenção, mesmo reconhecendo e defendendo que deles não deve depender, exclusivamente, uma intervenção de qualidade. Finaliza sua obra sugerindo a continuidade do debate em novas produções.